



Fig. 1: Vista de conjunto de jardins de memória no crematório em 2013 e placa de proibição no local, no mesmo ano. Fonte: Santos, 2015.



MORTE E VIDA NOS JARDINS DE MEMÓRIA

Aline Silva Santos

Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima

Resumo: A despeito do considerado tabu contemporâneo das sociedades ocidentais para a temática da morte, cemitérios e crematórios seguem sendo espaços com uma miríade de apropriações, as quais se constituem como campo relevante de estudo. O presente artigo busca contribuir com uma reflexão acerca desse universo, a partir de pesquisa sobre a criação dos jardins, aqui intitulados “de memória”, presentes no Crematório Municipal de São Paulo. Tais criações, espontâneas, vêm sendo realizadas por entes queridos de falecidos, suscitando reflexões sobre as representações poéticas dos ciclos de vida e morte, luto e vínculo após o falecimento de uma pessoa amada. Para tanto, realizaram-se incursões etnográficas e entrevistas, além de revisão de literatura.

Palavras-chave: Jardim. Morte. Crematório. Luto.

DEATH AND LIFE IN MEMORY GARDENS

Abstract: Despite the contemporary taboo in Western societies surrounding the theme of death, cemeteries and crematoriums continue to be spaces with a myriad of appropriations, which constitute a relevant field of study. This article seeks to contribute to a reflection on this universe, based on a research about the creation of gardens, here called 'memory gardens', present in the Municipal Crematorium of São Paulo. These spontaneous creations have been made by loved ones of the deceased, prompting reflections on the poetic representations of the cycles of life and death, mourning, and attachment after the death of a loved one. For this purpose, ethnographic incursions and interviews were conducted, in addition to literature review.

Keywords: Garden. Death. Crematorium. Mourning.



INTRODUÇÃO

Nas relações prístinas da cultura com a natureza e na História do Paisagismo, não raro, o jardim comparece associado a uma forma de organizar os dados e fluxos do mundo natural para deleite dos humanos. Torna-se difícil precisar a sua origem – é possível inferir que, desde que o ser humano conseguiu organizar os mundos vegetal, mineral, a água e seus fluxos em um microcosmos doméstico, conhecido, mais ou menos protegido, para uma experiência estética de fruição desinteressada, um jardim *aconteceu*.

A provável origem da palavra, como vinda do hebraico *gan*, que significa proteger ou defender – aqui, portanto, sugerindo algum grau de fechamento – e que se junta a *Eden*, significando prazer, deleite (Laurie, 1983), dá mostras desse imaginário idílico – um lugar onde o humano se encontra protegido e pode se deleitar na fruição desinteressada da natureza, sem os perigos e surpresas que um ambiente mais agreste promoveria. Assim, organizando o ambiente e manipulando os dados da natureza de acordo com a imagem de um mundo ideal, microcosmos da *poiesis* aristotélica, manifestação do espírito humano, o ser humano criou o jardim. Na visão oriental, na língua persa (avéstico), *jardim* é *pairi – daeza*, significando *espaço fechado*; o Ocidente incorporou esta acepção fazendo com que participasse da cosmogonia judaico-cristã, como Paraíso, no *Jardim do Éden*. Os jardins do Irã eram destinados à serenidade espiritual e ao deleite, abrigando ainda funções recreativas.

Não é pouco o espaço que a ideia de jardim ocupa no imaginário das sociedades ao longo da história; por antítese, temos a concepção de *floresta* – do latim *foris*: bosque externo (Cunha, 1982) –, lugar normalmente associado ao desconhecido, habitat das feras, onde bárbaros e inimigos se escondiam. Se o jardim prometia o prazer sem medo, a floresta geralmente povoava o imaginário do temor. Dessa forma, o ambiente florestal foi sendo associado às noções de *agreste* e *inculto*.

Por sua vez, o *campo* é o lugar da(s) cultura(s) – natureza domesticada para subsistência e manutenção da vida. E o jardim, contemporâneo à agricultura, pelos padrões espaciais desta, foi também



influenciado. Assim, a analogia semântica entre *horto* e *horta* não é gratuita: a rigor, a palavra *horto* está mais associada à ideia de Jardim – vide o *Horto das Oliveiras na Bíblia*, entre tantas outras passagens –, enquanto *horta* sempre comparece vinculada a práticas agrícolas. Mas os arranjos compositivos guardaram, muitas vezes, similaridades.

Aurora Carapinha (1995) disserta sobre as continuidades e rupturas nessas relações:

O estudo da História da Arte ensina-nos que a Europa Cristã conheceu pela primeira vez o jardim como espaço lúdico e como objeto estético por excelência a partir do Renascimento. Desde então o jardim liberta-se, para sempre, dos princípios hortícolas, autonomiza-se, ordenando-se de acordos teoréticos emanados dos tratados de Arquitectura, que emergem da cultura humanística (Carapinha, 1995, p. 4).

E continua:

À semelhança de outras culturas também o jardim em Portugal se constitui como interface: é mediador entre o rural e o urbano, proporciona vivência lúdica e estética num quadro natural vivo, ainda que artificioso (Carapinha, 1995, p. 4).

De todo modo, o jardim sempre esteve presente ao longo da história do paisagismo e da humanidade, materializando: percepções de mundo, ideias prevalentes de natureza, correntes filosóficas e econômicas de cada época, tecnologia disponível, correntes artísticas, características ambientais e identidades paisagísticas dos territórios. A essência do que se pode inferir como *jardim* parece ligada à *poiesis*, na concepção aristotélica de criação do espírito humano, espaço para usufruto de experiências estético-sensoriais e sentimentais com a natureza e seus elementos.

Vida e morte comparecem no jardim, na dinâmica do tempo. Folhas, flores e frutos, troncos, fustes e galhos nascem, crescem, morrem, como parte de um fenômeno mais evidente quanto mais os processos naturais sejam íntegros e não alvo de grande manutenção – podas e remoções de elementos mortos descaracterizam o ciclo da vida de um jardim.



As plantas e flores, tão frequentes no vocabulário paisagístico dos jardins, por sua vez, também acompanham a morte. Estão presentes nos rituais fúnebres, em composições estéticas próprias desse universo, são depositadas dentro ou fora dos esquifes, antes da consumação do enterro, e sobre a terra quando a cerimônia é finalizada, seguindo assim junto à pessoa falecida. Também são depositadas em vasos, plantadas no solo dos cemitérios, organizadas em *pequenos jardins* sobre os túmulos e, não raro, permanentemente trocadas e presentes em ocasiões de visita. Todo esse universo compõe um fértil campo simbólico, pleno de significados, metáforas e evocação de memórias.

Isso posto, o presente artigo discorre sobre o que aqui chamamos de *jardins de memória*, configurações estéticas singulares presentes no Crematório de Vila Alpina, em São Paulo. Trata-se de texto que tem como base as investigações de pesquisa que resultaram na dissertação de mestrado denominada *Morte e Paisagem: os jardins de memória do Crematório Municipal de São Paulo* (Santos, 2015), ampliando e atualizando a discussão com novos aportes literários e incursões a campo.

MÉTODO

Para fazer frente aos desafios do tema de pesquisa, e ciente de que as escolhas metodológicas dele decorrem, realizou-se, além do levantamento bibliográfico, a incursão a campo com o olhar etnográfico (Magnani, 2012). Por congregar um espaço temporal alargado, abrangeu diferentes formas de fazê-lo. Assim, em um primeiro momento, entre 2012 e 2015, utilizou-se da etnografia em conjunto com entrevistas em profundidade (Duarte, 2006), as quais alimentaram as reflexões para a realização de dissertação de mestrado (Santos, 2015). Já no período subsequente, foram realizadas visitas a campo para observação, sendo que a partir de 2019 foram efetuadas sequências de caminhadas etnográficas. Ademais, nas idas a campo, produziram-se, além das notas em caderno de campo, registros fotográficos e ilustrações. Frisa-se que, com a pandemia de Covid-19, no ano de 2020, houve visita ao cemitério somente em janeiro e no dia de finados, 2 de novembro, data de celebração e maior movimento de visitantes.



A MORTE NA CONTEMPORANEIDADE

No âmbito da psicologia, Franco (2021, p. 24) define o luto como um “processo de construção de significado em decorrência do rompimento de um vínculo”¹. Existem diferentes maneiras de manifestar o sentimento pela perda de um ente querido; dentro de cada cultura pode haver práticas consolidadas que geralmente são seguidas pelas pessoas. Essas atitudes ainda podem variar de acordo com o tempo e também o modo pelo qual determinada sociedade enfrenta as questões e aspectos relacionados ao universo da morte.

No caso do Brasil, de acordo com pesquisa de abrangência nacional realizada em 2018, denominada *Cartografia da Morte* (Studio; Adissi, 2018), 75,7% das pessoas abordadas acreditam que a morte é um tabu, e somente 26% têm o costume de falar sobre o tema. Estes são fatores que impactam diretamente o processo de luto, pois, ao se discutir pouco sobre a temática da morte, torna-se mais difícil lidar com perdas por morte ou mesmo com pessoas enlutadas. Tais dados vão ao encontro do que já vem sendo observado por pesquisadores da ótica ocidental desde meados do século XX (Ariès, 1977; Rodrigues, 2006): um encaminhamento para um tabu no tocante ao tema da morte e consequente esvaziamento dos espaços diretamente relacionado aos mortos, como os cemitérios.

Entretanto, apesar deste tabu, os cemitérios não deixaram de ser totalmente frequentados pelos enlutados. Esta relevância pôde ser observada durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, em que, mesmo com a ameaça da contaminação e restrições, pessoas ainda iam até esses espaços para se despedir de seus mortos, levar flores, organizar jardins e homenageá-los. Isso foi incessantemente registrado por fotógrafos e essas imagens estamparam diversos portais de notícias do país.

¹ Luto pode referir-se a diferentes perdas, basta que haja uma vinculação. Neste artigo será destacado o relativo à morte de uma pessoa com o qual há um vínculo.



O gesto das flores, em um espaço cemiterial, não é banal. Pode ter uma multiplicidade de significados e, apesar de referir a uma tradição que remonta há séculos (Ragon, 1981), guarda significados diferentes de acordo com aquele que ali as dispõem – seja simbólico ou até mesmo religioso. Na cidade de São Paulo, os cemitérios públicos ajardinados possibilitam não só a disposição de flores, mas também a constituição de jardins sobre os túmulos demarcados diretamente no solo. Já o crematório municipal paulistano, que possui os espaços livres ajardinados, permite o esparzimento de cinzas por entre seus jardins, o que tem motivado a realização espontânea e simbólica dessas criações que aqui denominamos *jardins de memória*, tão rico é o campo simbólico e as manifestações de uma estética popular na organização dos elementos da natureza.

O CREMATÓRIO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

O Crematório Municipal de São Paulo Dr. Jayme Augusto Lopes, também conhecido como Crematório de Vila Alpina, inaugurou a prática da cremação em meio urbano² no Brasil. De caráter público e aberto em 1974, permaneceu como único no país por aproximadamente 20 anos. Localizado na Zona Leste da cidade de São Paulo, consiste em um conjunto formado por edifício cercado de bosque, jardim e estacionamento para visitantes. Seu terreno é vizinho ao Cemitério São Pedro, que é público, e a um parque ecológico.

No edifício, além das atividades administrativas afins, ocorrem cerimônias de despedidas dos falecidos, os quais são posteriormente encaminhados para o processo da cremação. Tal processo também é realizado no edifício, em setor específico³.

² Faz-se esta especificação, pois é registrada a existência da cremação de corpos em alguns povos indígenas (Santos, 2015).

³ Para maiores detalhes de como ocorrem as cerimônias de despedidas e se dá o processo da cremação, ver Santos (2015).



Após o prazo estipulado para a cremação, de aproximadamente 10 dias, as cinzas dos falecidos são disponibilizadas para recolha. Assim, podem ser levadas ou então esparzidas nos espaços livres do próprio crematório, seja no bosque, seja no gramado. Entretanto, isso deve ser feito de modo anônimo e sem a criação de lugares individualizados.

E foi ao observar de modo aproximado esses espaços livres, escolhidos por diversos enlutados para dispor o traço de seus mortos, que se notaram atitudes criativas e nem sempre esperadas para estes espaços. Assim, a partir destas observações, no ano de 2012, iniciou-se a pesquisa discutida nesse artigo.



Fig. 2: Implantação do crematório. Fonte: Elaborado por Aline Santos a partir de material fornecido pelo Serviço Funerário Municipal de São Paulo, 2023.





Fig. 3: Imagem da fachada do edifício do crematório, ladeado pelos bosques. Fonte: Santos, 2015.



JARDINS DE MEMÓRIA

Ao se percorrer os espaços livres do crematário, durante incursão a campo no ano de 2012, começou-se a perceber pequenos marcos nas áreas ajardinadas circundantes ao edifício do crematário, no gramado ou no bosque. Eram locais em que se notavam a disposição de cinzas e marcações com laços, fotos, plaquinhas ou outros pequenos objetos, alguns à semelhança de elementos dispostos sobre os túmulos do Cemitério São Pedro. Discretos, com o passar do tempo foram se multiplicando, tomando diferentes formas e tamanhos. Cercamentos foram construídos e cuidados dispensados.

Observou-se um movimento de manutenção e retorno a esses locais. Assim, delimitados e cuidados para a fruição de seus constituidores, esses locais poderiam ser considerados pequenos jardins dentro do jardim presente nos espaços livres do crematário. Entretanto, isso ocorria de forma absolutamente insurgente, à revelia da administração do local, a qual não permitia qualquer identificação das cinzas, informação presente em placa no local onde esses jardins eram construídos. Desse modo, constituíam-se por gestos espontâneos repletos de força poética. Criação de pequenos lugares de cuidado e homenagem, carregados de símbolos que remetiam à pessoa amada falecida, incorporando e partilhando da natureza presente no crematário.

Manter esse tipo de atitude diante de uma proibição mostrava o quanto era necessária e se fazia significativa aos visitantes. Os elementos ali dispostos evidenciavam desejo de permanência, e eram evocativos de um passado com o falecido, trazido para a vivência presente: os elementos caracterizavam o falecido e muitas vezes também apresentavam um diálogo com este. A visita àquele local, então, não evocava necessariamente um passado estático, mas um passado embebido de presente, em uma relação de memória. Desse modo, resolveu-se denominar tais expressões de *jardins de memória* – espaços delimitados, contidos, de certa forma protegidos e povoados de objetos; pleno de significados e propósitos, dispostos sob conformações claramente estéticas e simbólicas em relação ao ente querido falecido.



Pode-se dizer, por conseguinte, que tais jardins de memória cumpririam um papel tumular, de determinação de um local para disposição dos restos mortais, na forma de cinzas, possibilitando um possível retorno. Isso porque se considera o túmulo como um estar em relação (Santos, 2015), local de mediação com o morto, contando com a materialidade de seu corpo – o seu traço – ou o que o poderia sê-lo⁴. No entanto, diferente do túmulo, não há, nesse caso, uma certeza de permanência: seu caráter era intrinsecamente frágil e efêmero, requerendo cuidado constante, um fazer e refazer de sua constituição. Por consistir em uma observação ao longo de um período de tempo de 10 anos, entre 2012 e 2022, será apresentada a caracterização dos jardins de memória ao longo de três períodos que serão contextualizados a seguir:

2012 a 2015: consolidação dos jardins de memória

Entre 2012 e 2015 a pesquisa foi iniciada e observou-se o crescimento dos jardins de memória. Mesmo diante de proibição explicitada em placa colocada nos espaços livres do crematório, as pessoas os construíam, revelando a necessidade de um local para retorno e homenagem a seus mortos.

Esses locais, à moda de jardins, eram construídos tanto no bosque ao lado do edifício como no gramado e, como o passar do tempo, se multiplicaram. Ao se conversar com os enlutados que os construíam, percebeu-se que esses eram locais de cuidado e manutenção de vínculo com o falecido. Eram espaços que permitiam vir à tona sentimentos relativos a perdas, propiciavam a comunicação e o sentir da presença de seus entes queridos – jardins mediadores das relações telúricas e transcendentais, dos mundos visível e invisível, o campo fértil das subjetivações e criação poética, materializado em ricos arranjos compositivos.

⁴ Por exemplo, no caso de eventos em que os corpos não podem ser reconhecidos ou há sua falta. Nestes casos, por vezes existem práticas de enterramento de roupas ou itens das pessoas de modo a simbolizá-las.



Nesse sentido, a vegetação era um elemento imprescindível para a ambiência. Muitos relatavam o bem-estar de estarem em um local vegetado, cercado por árvores, arbustos, flores e pássaros. Em seu conjunto, auxiliavam a criar um sentido de paisagem ali (Santos, 2015). Em conversa com visitantes, observou-se que as árvores ou arbustos eram utilizados como marcos iniciais, balizadores da criação dos jardins, para situá-los, sendo que havia os que se utilizavam de plantas já existentes no local, enquanto outros preferiam plantar novas mudas. Constatou-se que estas mudas, em alguns casos, eram provenientes dos próprios jardins residenciais dos enlutados ou então remetiam a espécies preferidas pelo falecido. E, para além de ornamento, o vegetal assumia, em alguns casos, o papel do próprio morto: alguns plantavam árvores ou pequenos arbustos onde enterravam as cinzas e passavam a se relacionar com as plantas como com o seu próprio ente querido, de maneira metafórica. Assim, o cuidado ali dispensado era um carinho, um cuidado com a pessoa amada.

Decorações eram atualizadas ao longo do ano e permitiam ver a aproximação do Natal, dia das mães, pais, aniversários. Os itens decorativos, como pequenos bibelôs ou emblemas de time de futebol eram colocados como elementos de uma estante na sala de estar: revelavam os gostos daqueles cujas cinzas estavam ali dispostas. Além disso, o recurso textual também era utilizado. Desse modo, observavam-se plaquetas, escritas de diferentes materiais, seja em madeira ou papel, protegidas fragilmente com plástico.

Notou-se, então, um movimento: os próprios jardins existentes incentivavam a criação de novos. Assim, estratégias de cercamento e decoração acabavam por influenciar outros ali presentes: as pessoas olhavam, se inspiravam, utilizavam estratégias semelhantes em alguns momentos. Contudo, cada um desses espaços produzidos tinha sua própria identidade, nenhum jardim era igual a outro, todos eram diferentes, seja na composição dos objetos, seja no tamanho da delimitação. Cada jardim era único, assim como era único o falecido que ali estava disposto.



O cuidado com os jardins era significativo, e pessoas começaram a efetivamente cercá-los: enquanto uns utilizavam plantas ou pedras soltas, outros passaram a utilizar cercas de plástico, madeira ou até mesmo pequenos cilindros maciços de concreto. Bilhetes eram colocados nos jardins, mostrando redes de sociabilidade e conflito: pedidos para respeito aos cercamentos, que não se levasse cachorros a fazer suas necessidades ali, que não se retirassem objetos. No mais, ao passo que alguns cercamentos se desejavam particulares, outros se faziam coletivos, sendo fruto do cuidado de várias mãos.



Fig. 4: Exemplos de jardins de memória no crematório em 2013. Fonte: Santos, 2015

Assim, de modo geral, notava-se um espaço mantido e gerido pelo próprio esforço coletivo, visto que não era permitido oficialmente esse tipo de atitude. E, contraditoriamente, os próprios jardineiros, funcionários do crematório, passaram a auxiliar essas pessoas. Auxílio este que, em alguns casos, era recompensado financeiramente pelos enlutados.



2016 a 2019: destruição e renascimento

No ano de 2016, devido a uma reforma no edifício do crematório, foi feita uma limpeza na área dos bosques e gramados do mesmo. Desse modo, todos os jardins de memória foram eliminados, não sendo possível saber como ocorreu o procedimento, mas pôde-se observar seu desaparecimento. Além disso, houve o relato de funcionária da instância administrativa que confirmou a decisão da retirada (Santos, 2019). A própria efemeridade do campo também não permitiu saber o que aconteceu com aquelas pessoas que tinham seus jardins de memória. De qualquer modo, pode-se inferir que, muito provavelmente, essa destruição tenha causado uma outra perda, talvez gerando um outro luto.

A placa de proibição também foi modificada, apontando a interdição da “confeção de jardins”. Ou seja, a própria administração reconheceu que o que ali se fazia poderia ser classificado de jardins, realizados pelos enlutados. Refletiu-se então se esta atitude seria o fim dos jardins de memória. Entretanto, com o passar do tempo, encontraram-se pequenas pistas, marcas de um desejo de retorno, agora em locais mais afastados das maiores circulações do crematório.

Acompanhando a evolução do espaço, no dia de finados em 2019, já se pôde notar uma movimentação na área, pela presença de diversos jardins de memória novos, mais discretos e diferentes dos que ali eram encontrados anteriormente. Ao se conversar com uma enlutada, cujas cinzas de ente querido haviam sido esparzidas no crematório, junto ao plantio de uma árvore, há mais de 15 anos, soube-se haver a estratégia de simplificar o jardim de memória após a retirada dos mesmos. Assim, o local continuaria existindo, mas, principalmente, a partir de uma árvore que servia como marco para o jardim.





Fig. 5: Bosque do crematório após eliminação dos jardins de memória em 2016 e nova placa proibitiva. Foto: Aline Santos, 2016.

2020 a 2022: a permanência frente à pandemia de Covid-19

Os anos de 2020 a 2022 compreenderam o período referente à pandemia de Covid-19. Com o elevado número de mortes, na cidade de São Paulo, houve aumento brutal no número de enterros e também de cremações diárias. Cemitérios chegaram a funcionar ainda no período noturno. Para evitar aglomerações, velórios foram suspensos e as despedidas consistiram em cerimônias rápidas e com poucas pessoas logo antes dos enterros. Imagens destes momentos, bem como a abertura massiva de covas, foram registradas sucessivamente pela mídia e tais fotografias estamparam jornais e portais de notícias.



Com esse interdito dos velórios e o medo da contaminação, pode-se imaginar como os espaços cemiteriais foram apreendidos no período. Haveria temor em frequentar os cemitérios? Como estaria o crematório? Ao longo desses três anos, notou-se que, mesmo com o fato da permanência de uma pandemia, alguns jardins de memória se mantiveram e outros surgiram. E, já no começo do ano de 2022, com a pandemia mais arrefecida, notou-se um aumento no número de jardins de memória. Isso dá pistas de ser uma prática que parece estar longe de acabar.

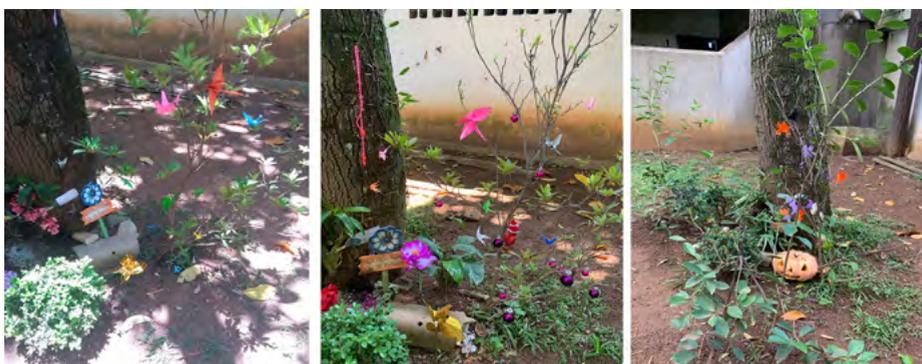


Fig. 6: Mesmo jardim de memória ao longo de um ano, entre novembro de 2019 e novembro de 2020. Foto: Aline Santos, 2019, 2020.



Fig. 7: Alguns jardins de memória observados no crematório em 2022. Foto: Aline Santos, 2022.



MORTE E VIDA – DIALÉTICA NOS JARDINS DE MEMÓRIA

Morte e vida não são dois estados opostos nem se anulam, mas antes, dialogam, de forma que uma não prescinde da outra (Almeida, 2007). Assim, a própria vida dependeria da morte para ter um sentido. Esta é uma temática abordada por filósofos há muito tempo: Sêneca diria que se morre à medida que se vive (Almeida, 2007) e, Montaigne (2010, p. 59), ao citar Cícero, aponta que filosofar nada mais é que “preparar-se para a morte”. Heidegger, já no século XX, aponta que a apropriação da morte seria o “*poder-ser mais genuíno*” do ser humano (Nogueira, 2009, p. 115). Morte e Vida na sua dialética se encontram na natureza, em uma circularidade observável. Seu entrelaçamento pode ser observado a todo tempo, sobretudo na natureza, nos ciclos animal e vegetal. É preciso a morte para gerar a vida e a vida para gerar a morte.

Os jardins de memória expressam na sua materialidade a dialética entre a vida e a morte, não só pela presença de elementos da natureza, intrínseca à essência do jardim, mas também nos outros elementos que os constituem e o personalizam, seja na escolha de objetos que remetam ao mesmo, seja em mensagens de saudade. A todo tempo, essas duas instâncias estão em relação, na presença ali do vínculo ainda existente, mas transformado, com o morto, na sua presença-ausente no cotidiano daqueles que ali expressam seus sentimentos.

Nas narrativas desses jardins encontram-se manifestações não só do que o falecido foi em vida, mas também do que significa para o enlutado, do vínculo constituído entre ambos, o qual continua a existir. Porque morte não é a eliminação de um vínculo, o anúncio da inexistência do outro que faleceu, mas uma reconstrução desse vínculo a partir de um novo ângulo. Assim, nos jardins de memória há um diálogo que oscila entre a vida e a morte, em que a dor da saudade é expressada, mas que também é pautada a presença que se faz ali pelo traço do falecido, que agora se tornou parte daquele jardim. É lugar de elaboração, de auxílio para a reconstrução de significado do



enlutado, que ali muitas vezes repensa a vida depois da morte do seu ente querido.

Esses jardins apresentam grande fragilidade. Nada garante sua permanência, o que foi mostrado pela eliminação ocorrida em 2016. Contudo, ressurgem, mostrando uma força resiliente – um movimento que mostra que os jardins de memória não seriam só um acontecimento pontual, de determinado momento, mas continuam a existir, espontaneamente. São gestos delicados que, mesmo na pandemia de Covid-19, com a restrição e temor relativo aos espaços cemiteriais, não cessaram. Ali, continuou-se a construir, a velar pelos mortos, independentemente da própria ameaça da morte pairando no coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Morta... serei árvore,
Serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira
Cora Coralina (2012, p. 73).

Os jardins de memória, aqui apresentados, podem ser considerados um campo de representações de grande força poética. Mas a sua total compreensão e apreciação requer o despir-se de quaisquer pré-juízos e a entrega a uma arte popular que não frequenta cânones estéticos. Sua poesia reside numa forma de expressão ingênua, mas sofisticada e profunda, na apreensão dialética da vida e da morte; são jardins de grande espiritualidade.

Também não correspondem à estética fúnebre e melancólica do imaginário judaico-cristão da morte. São alegres, evocam pensamentos e sentimentos vários, muitas memórias, algumas felizes, engraçadas, como as contidas em pequenos e coloridos cata-ventos que remetem a *uma mãe alegre, cheia de vida*, ou a lembrança de um ente querido que,



ao ter tido suas cinzas esparzidas na base de uma árvore, tornou-se *vivo* incorporando-se à mesma, em seus galhos, folhas, flores e frutos.

Em tempo, ante a mercantilização da vida e da morte, os jardins de memória de Vila Alpina não são apenas poéticos, mas também (talvez até inadvertidamente) políticos: são subversivos, populares, espontâneos e resistentes, manifestações livres (e anarquistas) do espírito humano que escapam e transgridem o circuito capitalista da vida e da morte e das representações padronizadas e mercantis dos símbolos mortuários. Longa vida aos Jardins de Memória!



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério M. de. **Eros e Tântatos**: a vida, a morte, o desejo. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**: Da Idade Média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- CARAPINHA, Aurora da C. P. **Da essência do jardim português** - v. 1. 1995. Tese (Doutorado em Arquitectura Paisagista e Arte dos Jardins, ramo de Artes e Técnicas da Paisagem). Universidade de Évora, Évora, 1995.
- CORALINA, Cora. **Meu livro de Cordel**. São Paulo: Global Editora, 2012.
- CUNHA, Antônio G. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação Social**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.
- FRANCO, Maria Helena P. **O luto no século 21**: uma compreensão abrangente do fenômeno. São Paulo: Summus, 2021.
- KAPLAN, Stephen. The restorative benefits of nature: Toward na integrative framework. **Journal of Environmental Psychology**, v. 15, n. 3, p. 169-182, 1995.
- LAURIE, Michael. **An introduction to Landscape Architecture**. London: Pitman publishing limited, 1978.
- MAGNANI, José Guilherme C. **Da Periferia ao Centro**: Trajetórias de Pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.
- MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**: uma Seleção. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- NOGUEIRA, João C. A autenticidade e o ser-para-a-morte em Heidegger. *In*: SANTOS, F. S.; INCONTRI, D. (Org.). **A Arte de Morrer** – visões plurais - v. 1. São Paulo: Editora Comenius, 2009. p.109-119.
- RAGON, Michel. **L'espace de la mort**. Paris: Albin Michel, 1981.



RODRIGUES, José C. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

SANTOS, Aline S. Memória e cinzas: semelhanças e dissonâncias entre dois crematórios paulistas. In: CASTRO, E. T. *et al.* (Orgs.). **Cemitérios: gestão, culturas e religiosidades**. Porto Alegre: ISCMPA, 2019. p. 126-136.

SANTOS, Aline S. **Morte e paisagem: os jardins de memória do Crematório Municipal de São Paulo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

STUDIO Ideias; ADISSI, Gisela. **Cartografia da Morte**. Pesquisa apresentada em palestra de Gisela Adissi durante o Curso de Aprimoramento e Especialização em Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto do Instituto 4 Estações de Psicologia (2020), 2018.

ULRICH, Roger S., et al. Stress recovery during exposure to natural and urban environments. **Journal of Environmental Psychology**, v.11, n. 3, p. 201-30, 1991. Doi: [doi.org/10.1016/S0272-4944\(05\)80184-7](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(05)80184-7).

Aline Silva Santos é Arquiteta e Urbanista (UNESP), mestre e doutoranda pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP - São Paulo. Formada em Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto pelo 4 Estações Instituto de Psicologia. Docente no Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Pesquisadora associada aos grupos de pesquisa: LABPARC - Laboratório Paisagem Arte e Cultura (FAU-USP), RITE - Representações: Imaginário e Tecnologia (FAU-USP), NAU - Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da USP (FFLCH-USP).

Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima é Arquiteta e Urbanista (UFRN), mestre e doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP - São Paulo, onde atua como docente de Graduação e Pós-Graduação. Coordenadora do Grupo de Disciplinas Paisagem e Ambiente e coordenadora do Laboratório Paisagem Arte e Cultura, onde desenvolve a pesquisa (com apoio FAPESP) *Urban imaginaires: comparative perspectives, experiments and exchanges between the Metropolises of Lyon/Saint-Étienne and São Paulo*. Editora-chefe da Revista Paisagem e Ambiente.

